

Abordagem morfossintáctica da regência dos conectores adversativos: caso dos textos produzidos pelos estudantes do ensino pré- universitário em Malanje, Angola

João Domingos Pedro ¹

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-7151-7398>

Celestino Domingos Katala ²

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-7956-0139>

Francisco Soares ³

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-6300-47352>

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema abordagem morfossintáctica da regência dos conectores adversativos, precisamente nos textos produzidos pelos estudantes da cidade de Malanje, Angola. O objectivo principal é: (i) descrever a abordagem morfológica e sintáctica na regência dos conectores adversativos nos textos produzidos pelos alunos; (ii) Analisar os fundamentos teóricos que sustentam as relações de sentido da abordagem morfossintáctica na regência dos conectores adversativos; (iii) Propor estratégias de ensino e aprendizagem da regência dos conectores adversativos nas aulas a serem ministradas aos alunos em questão e, seguidamente, observar se o emprego desses conectores se adequam ao momento em que estão a ser utilizados na frase, isto é, se correspondem às intenções comunicativas dos alunos. Assim sendo, para recolher e fazer análise interpretativa dos dados, utilizámos método comparativo, observacional, estatístico, bem como técnicas de observação directa, teste pedagógico, questionários aplicados aos alunos e a entrevista aplicada aos professores. Os resultados desta pesquisa apontam para as seguintes conclusões: os conectores adversativos apresentam posições sintácticas diferenciadas. O **mas** não possui a mesma mobilidade de outros conectores, isto é, o **mas** é empregue apenas no início da oração adversativa, enquanto o **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto** e no **entanto** posicionam-se tanto no início da adversativa, quanto após o sujeito ou após o predicado. Constatou-se também que há falência no que diz respeito à produção de textos com pendor argumentativo, pelo que nos parece os professores não têm promovido a abrangência que têm os conectores nos discursos orais/escritos, a falta de predomínio do ensino implícito e explícito da gramática faz com que os professores não despertem o grande impacto pela produção de textos argumentativos.

PALAVRAS-CHAVE

Abordagem, Morfologia, Sintaxe, Regência, Conectores.

¹ Mestre em Letras-Língua Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola. É docente do Instituto Politécnico da Universidade Rainha Njinga a Mbande, Malanje, Angola. É docente de Sintaxe e Semântica do Português, Língua Cultura e Comunicação. É investigador nas áreas de humanidade, Línguas, Culturas, Didáctica e Comunicação e Linguagem. E-mail: kalendaneto23abril@gmail.com

² Licenciado em Letras-Língua e Literatura em Língua Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto-Angola; é escritor e professor de Linguística Portuguesa e Análise Textual no Instituto Superior Politécnico Cardeal Dom Alexandre do Nascimento. E-mail: julianangolar@gmail.com

³ Mestre em Letras-Língua Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola. É Docente da Universidade Rainha Njinga a Mbande, Malanje, Angola, onde rege a Cadeira de Língua Portuguesa. E-mail soaresantonio1983@gmail.com

Morphosyntactic approach to the governance of adversative connectors: case of texts produced by pre-university students in Malanje, Angola

ABSTRACT

This research has as its theme a morphosyntactic approach in the conduction of adversative connectors in texts produced by students from Malanje, Angola. The main objective is: (i) to describe the morphological and syntactic approach in conducting adversative connectors in texts produced by students; (ii) Analyze the theoretical foundations that support the relations of meaning of the morphosyntactic approach in the regency of adversative connectors in their discourses; (iii) Propose teaching and learning strategies for the regency of adversative connectors in the classes to be taught to the students in question and, then, observe if the use of these connectors are appropriate for the moment in which they are being used in the sentence, that is, if correspond to the students' communicative intentions. Therefore, in order to collect and perform an interpretative analysis of the data, we used a comparative, observational, statistical method, as well as direct observation techniques, pedagogical tests, questionnaires applied to students and interviews applied to teachers. The results of this research point to the following conclusions: the adversative connectors present different syntactic positions. The adversative connector "mas" does not have the same mobility as other connectors, that is, the connector mas is used only at the beginning of the adversative clause, while the however, however, nevertheless, however and however are positioned both at the beginning of the adversative and after the subject. or after the predicate. It was also found that there is a failure with regard to the production of argumentative texts, as it seems to us that teachers have not promoted the scope that connectors have in oral/written discourses, the lack of predominance of implicit and explicit teaching of grammar makes so that teachers do not awaken the great impact of the production of argumentative texts.

KEYWORDS

Approach, Morphology, Syntax, Regency, Connectors

UTETULUKILU

O ufwenyenu kuku kwala ni ditona ukexilu wa undonda wa vula o matelu mu usoneku wa mikanda wa maxibulu a lwangu wa dikwiya ni kayadi mu ulongelu wa mawenji ni kufundisa o madimanda ku xikola ya ditala ya kayadi ya ngana Zuze dya Kuluny mu mbanza ya Malanji mu ixi ya Ngola. Yala ni mbambe ya Malanji ya (i) kusoneka mu kayela o matelu a vulu mu wendeselu kwa maxibulu. (ii) kubanza o uzwelelu u kwatekesu o ukexilu wa umoxi mu kusoneka kwa maxibulu a ditola dya kayadi. (iii) kutela o jiphangu wa ulongelu ni wijidilu a usonekene wa vulu kwa kudilanga kwa maxibulu ni ma ubudisilu ku kayela, ni kutalesa o utelu wa itoni ya ubangelu wa kwa utelu wa kuzwela ni maxibulu. Mu ku kala kiki, phola kunona ni kubhanga o ubangelu wa kutonginina o itungwa ya jiphangu jya kusokelesa o itungwa ya utalesu lwambandu lwa kadilu, wa uzanzelu niulongelu, o ma ebudisilu a kwatelo o maxibulo ni kwebudisa o alongexi. O jiswilo wa kufwenya kwo londekeso phala o usukinu woso. O kulondekesa kwa ukexilu wa kamukwa. Moji ki kyenye mu kuvwua o musambu wa vudisa mu ukexilu woso mu umatekenu wenyioso. Mu kwivwuisa we kwala ufulu kwa zwela o uxilu wa kusokoloka wa mikanda wa kudivwuisa, kwa yale o alongexi kala ni ubandelu. Wa uvudilu wala mu ezwelelu o wa dimi mba usonekenu, wa ku kamba o uyjidilu wa ulongi wa usenji wa usonekenu wa ubhe ni usokelesu u bhangesa o alongexi phala kusasumuna mu ubhangelu wa dikota mba yonene mu mukanda wa kudisokeyeka.

MABHA – A THEXI

Undonda; Ukexinu; Wa ubanzelu ni kussokeyeka o itoni.

Introdução

A prática docente permitiu-nos abordar construções agramaticais no âmbito da regência dos conectores adversativos nos textos escritos pelos alunos da 12.^a classe do

Curso de Ciências Económicas e Jurídicas, nos alunos da Escola Secundária de São José de Cluny de Malanje, Angola. Na perspectiva de que nas línguas, há mecanismos de coesão que operam no interior das frases e na articulação entre frases, os quais podem ser gramaticais e lexicais e envolvem não só a habilidade no aprendente em compor enunciados corretos bem como conhecimento de regras no uso apropriado num determinado contexto, na medida em que, quando um indivíduo escreve ou fala, a sua intenção é de ser compreendido pelo leitor ou ouvinte, para que ambos partilhem o mesmo significado.

Nesta pesquisa, as análises da ocorrência regencial dos conectores adversativos nos textos dos alunos em causa foram feitas a partir das seguintes variações: negação de expectativa, oposição semântica, conectores como mecanismos de coesão pela marcação de nexos semânticos, descrição sintáctica dos conectores adversativos, descrição semântica dos conectores adversativos, casos em que os conectores adversativos marcam alteração de tópico discursivo, uso não recomendável dos conectores adversativos, utilização de conectores adversativos em situações não recomendáveis, usos de conectores em contextos em que um outro deveria ser seleccionado, pelo facto de serem os que encontramos maioritariamente expressos nos textos dos mesmos, o que prova que o texto argumentativo propicia o uso de adversativas com estes valores específicos.

O texto argumentativo busca o reflectir, o explicar, associando-se à análise, à crítica e, portanto, à argumentação. Com isto, é necessário que se faça referência aos casos em que os conectores ditos adversativos dão origem a produtos textuais superiores ao período, ou seja, assinalam a mudança de tópico discursivo, pois é possível constatar caso do género nos mesmos textos (Álvares, 2001, p. 95). Nesta configuração, quando se verifica o uso argumentativo desta construção, o contraste também se verifica ao nível das conclusões que cada um dos argumentos suporta.

1.Síntese do conceito “abordagem”: Morfossintaxe

No entender de Tavares (2012, p. 10), abordagem é o primeiro contacto com um determinado assunto ou problema; [...]; modo de encarar algo. É nesta perspectiva, por via dos métodos e instrumentos de colecta de dados que foi possível verificarmos estruturas fráscas agramaticais no tocante à abordagem morfológica e sintáctica na regência dos conectores adversativos nos alunos da escola em apreço.

A sintaxe ocupa-se do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações, relações entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se, efectivamente, a língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações (Moura, 2012), (Pascuall, 2011). É neste diapasão morfológico e sintáctico que a morfologia como área da linguística que tem a palavra como objecto de estudo e análise das mesmas, be como os processos de formação.

1.2. Conceito de regência: abordagem sumária

Na perspectiva de Cunha e Cintra (2014), a regência é o movimento irreversível de um termo regente a um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro (p. 642). Exemplo: a conjunção *embora*, pede o verbo no conjuntivo, mas o verbo no conjuntivo não exige obrigatoriamente a conjunção *embora*; logo a conjunção é o termo regente, e a forma verbal o termo regido.

Em outras palavras, a regência seria vista como a parte da gramática que trata das relações entre os termos da frase, verificando como se estabelece a dependência entre si (Terra, 2002, p. 165). A par do que nos apresenta Agostinho, Terra et *alli*, atribui-se o nome de regente ao termo que pede o complemento, como em (E3) e de regido ao complemento (da mãe), como em (E4).

(E3). *Nesse momento, sinto o amor da minha mãe.*

(E4). *Amor da minha mãe.*

Em (E3), há uma dependência entre os constituintes da oração, formando, assim, um todo significativo. Na frase referida, o verbo (termo regente) liga-se, diretamente, ao seu complemento (termo regido), estabelecendo uma relação de dependência. Em (E4), a expressão “da minha mãe”, complemento determinativo, subordina-se ao termo “amor”, nome. Diferente do que se verifica em (E4), porque, em (E4), a palavra “amor” é o termo regente e “da mãe” é o termo regido.

O aforismo “as palavras voam, o escrito permanece”. Marca uma distinção essencial entre dois produtos do acto de fala – a escrita e a oralidade. Com efeito, os discursos orais e escritos começam por se distinguir pela situação de comunicação – geralmente feita em presença e tendo o ar canal, na oralidade; em diferido e tendo por

meio um material duradouro, feita na escrita (Moura, 2012, p. 260). Para Moura, (2012), o “texto é coerente quando a sua organização lógico-semânticas à volta de um tópico lhe permite ser correctamente interpretado pelos esquemas cognitivos do destinatário” (p.258).

2.Conectores adversativos

Conectores adversativos “são articuladores do discurso que ligam dois termos ou duas orações em que um dos elementos transporta uma ideia de contraste [...], palavras invariáveis que relacionam duas ou mais orações de uma oração. Casanova (2012, p. 98) & (Costa, 2010, p. 215).

2.1.Os conectores como mecanismos de coesão, pela marcação de nexos semânticos entre segmentos textuais

As gramáticas tradicionais, ao invés de conector usam o termo conjunção para designar meios de que a língua dispõe para estabelecer a ligação entre palavras, grupos de palavras e frases e, simultaneamente, para exprimir determinadas relações semânticas entre as unidades ligadas. A tradição gramatical também identificou as conjunções como elementos com uma função de ligação entre frases ou entre orações expressas por frases (Vilela & Koch, 2001, p. 259).

- As entidades semânticas conectadas podem ser de natureza diferente, isto é, podem corresponder a segmentos materiais do texto, a enunciações e aos conteúdos implícitos;
- Um mesmo movimento de conexão pode envolver mais do que duas entidades (por exemplo, a estrutura p MAS q envolve, além dos argumentos p e q, as conclusões implícitas que lhes estão associadas (respectivamente r e não - r);
- Quando o conector articula segmentos materiais do texto, não é garantido que esses segmentos ocorram imediatamente à esquerda ou à direita do conector (no exemplo O Sola já chegou. De facto, o carro dele está ali estacionado. Mas não tens nada a ver com isso. Aqui o antecedente do conector mas não é o segmento que o precede imediatamente, mas o que ocorre mais à esquerda);
- A dimensão dos segmentos textuais conectados não é previsível à partida: como sublinha Vilela, um conector pode articular parágrafos inteiros.

Os advérbios conectivos são utilizados para estabelecer nexos entre frases ou constituintes. Estes podem encontrar-se em relações de subordinação ou de coordenação

(Costa, 2008, p. 60). Entre vários advérbios conectivos apresentamos: **porém**, **contudo**, **então**, **assim**, etc.

Para o mesmo autor, os advérbios conectivos podem ter dois usos: ou são utilizados num contexto em que estabelecem a conexão entre, por exemplo, duas frases, como em (1):

(1) *Estou doente, **contudo** vou trabalhar; ou são utilizados apenas para reforçar uma conexão expressa por uma conjunção, como em (2):*

(2) *Quase todas as aves voam, mas os pinguins, **contudo**, não voam.*

A distinção entre os advérbios conectivos e as conjunções também pode ser estabelecida com bases no critério sintáctico, ou seja, com base na mobilidade dos advérbios conectivos. As conjunções surgem sempre no início da segunda oração, como se pode constatar em (3):

(3) *O Nzola está doente, **mas** a Kiese o substituiu.*

A ocorrência destas noutra posição torna a frase agramatical, como se verifica em (4):

(4) *O Nzola está doente, a Kiese, **mas**, substitui-o.*

Por seu turno, os advérbios conectivos podem ocupar outras posições, ocorrendo entre o sujeito e o predicado ou entre verbo e os seus complementos, como se pode verificar em (5) e (6):

(5) *O Nzola está doente, **contudo** vai às aulas.*

(6): *O Kiese está doente, vai **contudo** às aulas.*

Portanto, a função do conector pode estar associada a diferentes categorias gramaticais, conjunções de coordenação, conjunções de subordinação, expressões adverbiais e preposicionais com função conectiva. Moura (2012, p. 203) ensina-nos que tanto para o português como para outras línguas, as conjunções de coordenação e conectores de coordenação: as primeiras correspondem às conjunções copulativas (e, nem), disjuntivas (ou, ou...ou..., nem...nem..., ora...ora..., quer...quer...) e adversativas (mas, senão) (Moura, 2012, p. 165); os segundos compreendem conectores contrastivos (porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto), explicativos (pois, que, porque, porquanto) e conclusivos (*logo, pois, assim, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência*).

Relacionando o conceito apresentado por Moura, constatámos que a distinção estabelecida tem que ver com o facto de os (hodiernamente chamados) conectores de

coordenação não manifestarem todas as propriedades formais atribuídas aos conectores, como poderemos constatar no ponto seguinte, ao estabelecermos as diferenças entre o *mas* e os outros conectores adversativos.

2.2. Descrição sintáctica dos conectores adversativos

O principal conector adversativo, tanto em português como na maior parte das línguas europeias, é o *mas*, e o seu correspondente nas outras línguas, pelo que uma grande parte dos estudos sobre construções adversativas tem sido feita com base na análise do comportamento sintáctico-semântico desta unidade (cf., por exemplo, R. Varela, 2000). Segundo Tomás, (2003, apud Varela, 2000, p. 183) realça que:

além de *mas*, a gramática tradicional é praticamente unânime em apresentar porém, todavia, contudo, no entanto e entretanto como outros conectores conjuncionais coordenativos adversativos. Em termos sintácticos, estes conectores não apresentam todos os mesmos comportamentos, distinguindo-se claramente *mas* dos restantes.

É conveniente chamar a atenção, ainda, para as implicações da opção por estruturas com *mas*. O jogo enunciativo composto da oposição entre os enunciadores, da orientação argumentativa e da articulação entre as duas orações cria vários caminhos na organização textual (Guimarães, 1987, p. 121). Inicialmente, mostramos, que o *mas* só é empregue no início da oração adversativa, como se atesta de novo em (7):

(7) *O Sola tocou a campanha, **mas** a Kiese não atendeu.*

Se este conector ocupar outras posições a frase tornar-se-á agramatical⁴:

(8) *O Sola tocou a campanha, a Kiese **mas** não atendeu.*

(9): *O Sola tocou a campanha, a Kiese não **mas** atendeu.*

(10): *O Sola tocou a campanha, a Kiese não atendeu **mas**.*

Este facto não ocorre com os outros conectores em estudo, cujas posições nas frases podem ser diferentes: no início da oração adversativa, como se ilustra em (11), após o sujeito, como se atesta em (12) e depois do predicado, como se verifica em (13):

(11) *O Sola tocou a campanha, **todavia/contudo/porém**... a Kiese não atendeu.*

(12) *O Sola tocou a campanha, a Kiese **todavia/contudo/porém**... não atendeu.*

(13) *O Sola tocou a campanha? a Kiese não atendeu **todavia/contudo/no entanto**...*

⁴ Desvio ao uso da **norma** que não funciona como modelo dentro de uma comunidade linguística. No nosso país, costuma apontar-se como **língua padrão**.

Tomás (2003, pp. 71-72), também estabeleceu diferenças entre estas unidades, chegando à conclusão de que tal diferença passa pela mobilidade que as mesmas apresentam. Este autor, à semelhança do que foi exposto por Terra et *alli* (2002, p. 531), através de testes sintácticos, também provou que todas elas podem ocorrer em início absoluto de 2º membro; simplesmente, enquanto para *mas* esta é a única posição aceitável, as restantes unidades apresentam maior mobilidade.

Ainda de acordo com Tomás, outra das principais diferenças passa pelas possibilidades de combinação destas unidades com a conjunção coordenativa copulativa, enquanto *mas* resiste a esta combinatória (cf. 14), tal resistência parece não se verificar com as restantes unidades, como se pode observar em (15):

(14) *A encomenda foi enviada há um mês e, mas, os correios ainda não a entregaram.*

(15) *A encomenda foi enviada há um mês e, porém/todavia/contudo/no entanto/entretanto, os correios ainda não a entregaram.*

Como se pode constatar nos exemplos (7) a (15), nas estruturas adversativas a ordem oracional é fixa. A oração que contém o conector adversativo surge sempre em segundo lugar, não podendo ocorrer no início da estrutura. Nos exemplos (14) e (15) está bem evidente que o conector *mas* não pode co-ocorrer com a conjunção copulativa *e*, co-ocorrência esta permitida pelas restantes unidades.

Para terminar o inventário sobre as diferenças entre estas unidades, Tomás fez uma abordagem do comportamento das mesmas perante os testes sintáctico-semânticos apresentados por Peres (1997), nomeadamente, possibilidade de encaixamento da construção resultante da conexão como complemento de um verbo, como em (19):

(16) *O Nzola sabe que [a encomenda foi enviada há um mês, mas os correios ainda não a entregaram].*

No enunciado (16), as duas orações da construção entre parêntesis funcionam como complemento do verbo, isto é, o Nzola sabe que a encomenda foi enviada há um mês e também sabe que os correios ainda não a entregaram. Vejamos agora o que acontece com a estrutura que envolve os outros conectores adversativos:

(17): *O Sola sabe que [a encomenda foi enviada há um mês, porém/todavia/contudo/no entanto/contudo/entretanto os correios ainda não a entregaram].*

Em (17), a frase introduzida por porém, todavia... não parece funcionar como complemento do verbo saber: o Pedro apenas sabe que a encomenda foi enviada há um mês.

Um outro teste apresentado por Tomás, é a possibilidade de ocorrência do produto final resultante da conexão no escopo de um advérbio de frase, como em (18):

(18) *Possivelmente [a encomenda foi enviada há um mês **mas** os correios ainda não a entregaram].*

No enunciado (18), toda a estrutura entre parêntesis encontra-se no escopo do advérbio de frase. Veja-se agora (19):

(19): *Possivelmente [a encomenda foi enviada há um mês, **porém/todavia/contudo/no entanto/entretanto** os correios ainda não a entregaram].*

Em (19) apenas a primeira proposição encontra-se dentro do escopo do mesmo advérbio. A partir destes testes é possível concluir, e de acordo com Tomás (1997, pp. 777-778), que as construções adversativas com **mas** são produtos fráscicos, enquanto as adversativas com porém, todavia, contudo, no entanto e entretanto são produtos textuais não fráscicos.

Todas as diferenças anteriormente apontadas fundamentam a oposição/distinção entre *mas* e os restantes conectores. Assim, parece claro que *mas* ilustra as características dos conectores adversativos protótipos (*mas* é uma conjunção de coordenação que dá origem a frase complexa), ao passo que porém, todavia, contudo, no entanto e entretanto se comportam de forma diferente, daí a designação de “advérbios conectivos”.

3. Descrição semântica dos conectores adversativos

Os conectores adversativos apresentam primeiramente valor de contraste embora possam, cumulativamente, veicular outros valores (Casanova, 2012, p. 321). Os aspectos semânticos das construções adversativas têm sido estudados, sobretudo, a partir da análise do conector *mas*, de tal modo que têm sido identificados diversos usos de **mas**. Embora sem querermos generalizar os valores adversativos de *mas* a todas as construções em que ocorrem, julgamos que os valores identificados configuram um quadro mais ou menos completo da semântica das construções adversativas.

No nosso estudo sobre os conectores adversativos entendemos por diferenças semânticas todas aquelas que dizem respeito ao significado, e ao conteúdo, ao valor dos conectores. Esse significado será estabelecido através de traços que determinarão as diferenças e semelhanças entre os valores dos conectores, orientando o seu uso nos textos produzidos pelos alunos. A abordagem semântica, nesta pesquisa, teve como suporte os estudos de Varela (2000) e Tomás (2003), a partir deles distribuimos as variações de significados dos conectores adversativos em dois grupos, como veremos a seguir. Concordamos também com as observações que os autores fazem sobre a impossibilidade de se determinar de forma fechada as diversas manifestações semânticas dos conectores ditos adversativos.

Na verdade, a nossa análise poderá ocorrer através de aproximações. Observamos ainda que estamos a levar em consideração todas as ocorrências desses conectores, independentemente de sua localização na frase: início, meio ou fim. Neste contexto, propomos duas variações básicas de significado para os conectores adversativos, nomeadamente, negação de expectativa e oposição semântica. Assim, ao definirmos os traços significativos para os conectores *mas*, *porém*, *contudo*, *entretanto*, *todavia*, *no entanto*, como de negação de expectativa e de oposição semântica⁵, esses traços serão vistos dentro de uma teoria de enunciação. Vejamos os exemplos a seguir apresentados:

- **Negação de expectativa** → na construção *p mas/ entretanto/ contudo/ todavia/ no entanto/ porém q*, *q* nega a expectativa aberta por *p*. De facto, a negação de expectativa envolve um contraste entre a expectativa aberta pelo primeiro membro e o que se afirma no segundo ($p \rightarrow r$ e *q* anula *r*, dado que corresponde a $\sim r$).

Veja-se (20):

(20) *O Sola preparou-se para o exame (p), **mas/ entretanto/ contudo/ todavia/ o entanto/ porém** não passou de classe. (q)*

Em (20), afirma-se que, mesmo tendo-se preparado para o exame, o Sola não passou de classe. Percebemos que *q* nega a expectativa aberta por *p* na medida em que se declara que a acção (de preparar o exame) não surtiu o efeito esperado (passar de classe). Esta análise converge com a proposta de (Ducrot, 1980): ao enunciar *p*, o falante

⁵ Normalmente se aponta o valor de contraste como valor básico marcado pelos conectores em apreço. No caso da oposição semântica, há um contraste antitético entre os conteúdos proposicionais expressos no 2º membro da construção. Quando se verifica um uso argumentativo desta construção, o contraste também se verifica ao nível das conclusões que cada um dos argumentos suporta.

expressa um argumento que aponta para uma conclusão r (implícita), conclusão essa que q vem anular.

• **Oposição semântica** → p e q descrevem duas situações que contrastam entre si, como em (21):

(21) *A Kiese é muito organizada (p), mas/ entretanto/ contudo/ todavia/...sua amiga é desorganizada (q).*

Em (21) observamos que a oração (q) introduzida pelos conectores adversativos não apresenta nenhuma negação de expectativa aberta pela oração (p), mas simplesmente contrasta antiteticamente duas situações, isto é, a Kiese é organizada, já a amiga é desorganizada. Percebemos também que no contraste entre os dois enunciados há uma mesma característica ou propriedade (ser organizada) que se presta a uma comparação.

É importante salientar, neste ponto, que o contraste, muitas vezes pode estar ao serviço de uma estratégia argumentativa, numa situação em que uma construção do tipo p *mas* q pressupõe uma certa conclusão r , para a qual p é o argumento e q um contra argumento, como ilustra a situação de diálogo patente no exemplo (22).

(22) **A:** - Temos de contratar uma secretária para fazer parte da nossa equipa de trabalho.

B: - Já temos em vista duas candidatas, a Kiese e a sua amiga Njinga. Na tua opinião, com quem ficaremos?

A: - (p) A Kiese é muito empenhada, *mas* é desorganizada (q).

O conector *mas* no diálogo (22) é um indicador para o alocutário/leitor/ouvinte de que a conclusão que se deduziria normalmente de (p) não terá lugar, pois (q) é mais forte. Concretizando: ser muito empenhada é um argumento favorável para a escolha da Njinga (conclusão r), mas ser desorganizada é um argumento desfavorável para essa escolha (conclusão $\sim r$). O argumento apresentado na segunda oração (q) tem mais peso argumentativo do que o da primeira (p).

O sentido da argumentação de toda a frase encontra-se na segunda oração ou no segundo argumento; este é, portanto, o argumento decisivo. O falante “A” não defende a contratação da Kiese, pelo que se infere que defende a contratação da Njinga. Assim sendo, quando se verifica um uso argumentativo desta construção, o contraste também se verifica ao nível das conclusões que cada um dos argumentos suporta.

3.1. Situações em que os conectores adversativos marcam a mudança de tópico discursivo

Ao longo da pesquisa fizemos referência à negação de expectativa e à oposição semântica. No entanto, nos mesmos textos constatamos que os conectores adversativos, além de darem origem as frases complexas por coordenação, também iniciam um novo período, marcando a mudança de tópico discursivo, dando origem a produtos textuais coesos e coerentes. Atentemos ao seguinte exemplo:

(23) (p) "...neste momento há um grande défice de transporte semicolectivos vulgo táxi, devido a apreensão que a polícia tem feito para com os táxis ilegais, **mas** são esses mesmos táxis ilegais que nos livram dos apertos do dia-a-dia". (q).

Em (23) o **mas** deveria dar início a um novo período, através de uso de um ponto final, pois não introduz uma oração adversativa. Julgamos que este conector introduz uma nova etapa da argumentação do aluno, um novo tópico discursivo, não contrastando situações, nem negando uma expectativa. Ao sublinhar que "são esses mesmos táxis ilegais que nos livram dos apertos do dia-a-dia", o aluno pretende levar o leitor a concluir que "a polícia não deveria apreender os táxis ilegais".

Esta mudança de tópico discursivo também pode ser constatada no exemplo (24), como se pode verificar a seguir:

(24) (p) "Acusa-se a crise internacional de ser o maior influente na problemática dos preços, **porém** nos países vizinhos os preços estão em equilíbrio". (q).

Neste exemplo, à semelhança do que se verificou em (24), antes do **porém** deveria haver um ponto final. Julgamos que aqui também não existe nenhum contraste, nem negação de expectativa. Além dos exemplos acima indicados, apresentamos a seguir outros casos em que os conectores adversativos parecem igualmente interligar segmentos textuais superiores ao período, marcando mudança de tópico discursivo.

Como se pode depreender dos exemplos apresentados, os conectores adversativos não só dão origem a frases complexas por coordenação, ou seja, nem sempre articulam orações adversativas, mas também marcam a mudança de tópico discursivo, sendo que o novo tópico inicia um rumo argumentativo que de alguma forma contrasta com a orientação argumentada do enunciado precedente.

3.2. Aplicação inadequada dos conectores adversativos

Uma das características funcionais dos conectores adversativos é o facto de estes possuírem um significado de processamento que consiste, basicamente, na possibilidade

que têm de dar instruções sobre a forma como deve ser processada a informação conceptual presente em cada uma das unidades conectadas.

A partir dessa visão, é possível perceber que os conectores, de um modo geral, não são simplesmente elementos que servem para unir as partes (sintagmas, orações, enunciados) de um texto. Na verdade, eles são itens linguísticos tão importantes num texto, sendo que o emprego inadequado de um ou de outro pode acarretar problemas comunicativos (Costa, 2008). Nos textos escritos pelos alunos constatamos a existência de vários casos do uso inadequado de conectores adversativos, nomeadamente: usos de conectores em contextos que não os autoriza ou legitima o uso desse conector (o conector está a mais) e uso de conectores em contextos em que um outro deveria ser seleccionado, como veremos a seguir.

3.3. Utilização de conectores adversativos em situações em que não se recomendam

No decurso da investigação, constatámos situações de incoerência textual, ou seja, situações em que os conectores expressam um nexos contrastivo num contexto que não o autoriza: os conteúdos proposicionais de (p) e (q) não mantêm entre si nenhuma oposição antitética. Por outro lado, (p) não activa uma inferência anulada por (q). Observe-se o exemplo seguinte:

(25) (p) *“Há tempos era um problema grave, **mas** nos dias de hoje as estradas angolanas parecem pequenas. Mesmo com o aumento dos transportes ainda não se pode chegar a certas localidades ou distritos [...]”*. (q).

Em (25), o conector **mas** expressa um nexos contrastivo num contexto que não o autoriza, pois entre as proposições (p) e (q) não existe nenhuma relação de carácter opositivo. Em condições normais, neste exemplo, o conector **mas** deveria assinalar uma inversão da orientação argumentativa, introduzindo então o argumento mais forte que orientasse o discurso para a conclusão desejada, o que não acontece. A mesma situação pode ser verificada no exemplo seguinte:

(26) (p) *“No nosso país os problemas de transporte são vastos e causam-nos vários transtornos nas nossas rotinas do quotidiano. **Mas** embora existam os transportes muitas vezes fazem-nos falta devido a mudança ilegal das rotas desviadas pelos próprios motoristas”*. (q).

No exemplo (26), o conector **mas** poderia ser suprimido sem provocar alterações de sentido. Ou seja, o conector parece estar a mais, foi adicionado indevidamente. A sequencialização semântica do texto é garantida pela concessiva introduzida por **embora** (Koch, 2013, p. 234). A partir dos exemplos acima apresentados pode-se atestar que, nos

casos em que os conectores adversativos expressam um nexos contrastivo num contexto que não o autoriza, o texto torna-se incoerente.

3.4. Utilização de conectores adversativos em situações em que um outro deveria ser seleccionado

Como referimos nos pontos anteriores, estão visíveis as situações de incoerência textual, ou seja, casos em que os conectores adversativos são usados em contextos em que um outro deveria ser seleccionado. Observem-se os exemplos seguintes:

(27) (p) *“Há problema de transporte em Angola, **porém**, se formos a verificar, nas paragens, principalmente naquelas horas denominadas horas de ponta, podemos ver que tem havido muitas enchentes”*. (q).

(28) (p) *“No nosso país é muito difícil encontrar o transporte nas devidas condições para chegar a tempo ao local de trabalho **no entanto** muitos trabalhadores bem como estudantes chegam tarde ao seu sector por conta do transporte”*. (q).

Nos exemplos (27) e (28), o uso do **porém** e **no entanto** é completamente inadequado. A nosso ver, nestes exemplos, o conector adequado parece-nos ser um reforçativo, por exemplo **de facto** ou **com efeito** (marcadores de um reforço do que foi dito anteriormente). Esta situação também pode ser verificada em (29):

(29) (p) *“É de se acreditar que vivemos num país subdesenvolvido, **no entanto** demonstramos a falta de organização para tentar minimizar o problema”*. (q).

Em (29), o uso do **no entanto** é completamente inadequado. O nexos que ligaria de forma congruente os dois enunciados seria um nexos consequencial ou conclusivo, que o conector, por isso sinalizaria de forma adequada. Como se pode observar neste ponto, à semelhança do que aconteceu no ponto anterior, nos casos em que os conectores adversativos são usados em contextos em que um outro deveria ser seleccionado, o texto também se torna incoerente.

3.5. Estratégias de ensino - aprendizagem da regência dos conectores adversativos

Para Aitchison (apud Quivuna, 2008, p.103), o “ensino da gramática da língua portuguesa no nível básico é, sem dúvidas, uma questão complexa [...]”. Até ao momento, na perspectiva de Quivuna, não foi encontrada uma solução para o ensino da gramática que seja aplicada a todos os alunos ou que possa ajudá-los a dominar todas as regras gramaticais”. Esta complexidade também se faz sentir no nível médio, visto que, tal

como no nível básico, neste nível também ainda não foi encontrada uma solução para o ensino da gramática.

Este facto pode ser constatado, por exemplo, quando se ensina as regras funcionais dos conectores adversativos. Quando se ensina estas regras, os conectores são apresentados aos alunos apenas ao nível da conexão de orações, no âmbito da frase complexa por coordenação, não sendo perspectivada a sua função textual/argumentativa. Para esta questão existe um vasto conjunto de opções metodológicas, por exemplo, os chamados ensino explícito e implícito. Estas opções podem ser tomadas em consideração no ensino-aprendizagem do uso dos conectores adversativos, como veremos a seguir.

3.6. Ensino explícito e implícito da regência dos conectores adversativos

Segundo Quivuna, (2008, p. 95 – 96) considera que “a gramática está a ser ensinada de forma explícita quando se fornecem aos alunos regras ou parte de regras gramaticais [...]. Assim sendo, tomando em consideração esta abordagem, relativamente ao ensino explícito e implícito dos conectores adversativos, primeiro pode-se explicar aos alunos qual é o valor semântico destes conectores, e que além de **mas**, os gramáticos são praticamente unânimes em apresentar **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto** e **entretanto** como outros conectores conjuncionais coordenativos adversativos. Em segundo, explicar-lhes que, em termos sintácticos, estes conectores não apresentam todo o mesmo comportamento, distinguindo-se, claramente, **mas** dos restantes, apresentando exemplos como os dos subtítulos 4.; 41.; 42.; 4.3 e seguintes, deste artigo, submetendo-os, por exemplo, a classificação das orações, no âmbito da frase complexa por coordenação, clarificando, através de exemplos paradigmáticos, os nexos semânticos expressos (Mateus et. al. (2003).

No ensino explícito, é importante que se trabalhem diversos conectores, nos exercícios, e não apenas o **mas**. A escrita dos alunos seria mais rica se fossem capazes de mobilizar um uso diversificado de conectores. Ou seja, o conhecimento explícito da língua, e no caso vertente dos vários conectores que marcam contraste (em sentido lato), certamente se traduzirá na capacidade de mobilizar em situações de produção escrita. O ensino explícito da gramática envolve também aspectos de natureza semântica e não apenas aspectos formais, morfossintáctico. Esse ensino pode promover níveis mais elevados de literacia linguística, e conseqüentemente promover um nível superior de mestria da língua, com repercussões no plano da escrita (Quibongue, 2010, p.29-30).

Sugerimos esta metodologia, porque acreditamos que os alunos que recebem a instrução gramatical podem ultrapassar os que a não recebem, tanto em termos de velocidade de aquisição quanto em termos de nível de competência atingido. No entanto, isso não quer dizer que o aluno precise de decorar regras gramaticais, mas sim focalizar a forma, e analisar explicitamente o nexos semântico veiculado pelo conector adversativo.

Sob nosso ponto de vista, não basta focalizarmos apenas o ensino explícito, pois o aluno na tentativa de usar modelos fornecidos pelo professor ou pelos materiais de ensino, pode acabar cometendo erros sobre generalização, ou seja, aplicar uma certa regra num contexto inapropriado. Diante do exposto acima, concordamos com a ideia de que é necessário que o ensino *explícito* do uso dos conectores adversativos que se coloque também um espaço ao ensino *implícito*, isto é, à criação de oportunidades para o uso “natural” destes conectores, ou seja, o uso mais próximo possível daquele encontrado em situações autênticas. Deste modo, a competência de uso destes conectores será também adquirida como mera consequência da focalização da atenção do aluno no significado (M. Olga Azevedo; M. Isabel Freitas. M. Pinto; M. Carmo A. Lopes, 2012, p.73).

Tendo em consideração a afirmação de Lopes, segundo a qual o papel do professor neste processo é bastante significativo, porquanto deve empregar técnicas que ajudem o aluno a descobrir as variações básicas de significado dos conectores adversativos, tais como: negação de expectativa, oposição semântica, entre outras. Assim, primeiro, o professor pode propor ao aluno que crie determinadas estruturas, ou que escreva um texto para verificar como é que ele usa os conectores adversativos.

Segundo, pode procurar fazer o aluno reflectir sobre o que ele já produziu, tomando em consideração as variações básicas de significado atrás referidas. Estes mecanismos vão fornecer um relato sobre o que o aluno está a conseguir aprender e o que ainda não conseguiu. Terceiro, o professor pode escolher um texto que contém os conectores adversativos, recomendar aos alunos que os identifiquem dentro dos períodos e explicar a funcionalidade dos mesmos dentro destes períodos, ou seja, identificar e explicar os valores semânticos estabelecidos por estes conectores, dentro dos períodos onde se encontram. É importante ainda que, os alunos realizem vários trabalhos em grupo, escolhendo-se um tema para discutir, de forma a obrigá-los a criar ideias e a desenvolvê-las. Para além deste exercício, os alunos podem praticar exercícios dentro e fora da sala de aulas, tais como análise e interpretação de textos e testes de compreensão.

4.Resultado dos questionários

Nesta secção, procedemos a apresentação de maneira geral, dos dados evidenciados no quadro teórico e da influência dos dados colhidos através do teste pedagógico aplicado aos alunos da 12.^a classe bem como dos questionários aplicados aos mesmos, os quais permitiram constatar que a sintaxe dos conectores adversativos, sob a perspectiva da coesão e coerência discursiva e comentamos a funcionalidade desses conectores dentro de cada período, em relação ao texto como um todo significativo.

Quadro n.º 1: Resultados do teste pedagógico aplicado aos alunos

Categoria	Variável	Fn	F%
Quais são os conectores adversativos que você conhece?	Sim	12	40%
	Não	18	60%
	Total	30	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme ilustra o quadro acima, foi-nos possível obter os seguintes resultados: 12 alunos que representam 40%, respondeu que conhecem os conectores adversativos, como palavras que ligam as frases (orações); 18 alunos que perfazem 60%, não respondeu, o que impele dizer que desconhecem esses elementos essenciais que articulam as frases, na perspectiva da produção textual argumentativa. Segundo (Vilela e Koch, 2001, p. 259), “conectores ou conjunções são meios que estabelecem a ligação entre palavras, grupos de palavras e frases e, simultaneamente, para exprimir determinadas relações entre as unidades ligadas”.

4.1. Resultados dos guiões da entrevista dirigida aos alunos

Analisámos de igual modo os dados através da entrevista aplicada aos (30) alunos que fazem parte da nossa amostra. Na primeira questão que solicitamos aos alunos sobre (o que você acha sobre os conectores adversativos?), dos (30) alunos questionados, (21) o que representa (70 %) declarou não saber rigorosamente o conceito de conectores, ao passo que (05) o equivalente a (16.6%) confirmou saber o conceito dos mesmos e a sua preponderância. O que quer dizer que os alunos maioritariamente não têm noção sobre o assunto. Pois que, o desconhecimento dos mesmos pressupõe a irrelevância do estudo dos conectores no âmbito regencial.

E, (04) alunos que representam (13.3%) salientou que têm mais ou menos a ideia do que se tratava. Assim, dá-nos a ideia de que não tem havido muita dinâmica por parte dos professores, no que diz respeito à ilustração da mobilidade dos conectores adversativos, durante as suas aulas. Pois, pela declaração que os alunos nos apresentaram podemos constatar que para se compreender melhor o fenómeno da abordagem morfossintáctica dos conectores adversativos, importa compreender previamente a abrangência da morfologia e da sintaxe dos conectores, já que segundo (Lopes, Pinto, Moura et al. 2012), é através dos quais que se compreende a função textual argumentativa dos discursos orais/escritos, fazendo com que haja coerência e coesão no discurso (p.165).

Assim sendo, pensamos que para se desenvolver a competência linguística e comunicativa dos alunos, parte precisamente no que Nascimento e Pinto (2006) alenta, que a competência linguística designa o conhecimento da língua, em várias vertentes [...], organização das frases nas frases e identificação da significação (p.20). Quanto a segunda questão sobre (quais são os conectores adversativos que você conhece? e, como eles se articulam?), através da entrevista, percebemos que, (22) alunos que configuram (73.30%) declarou não conhecer, e (8) alunos que representam (26.70%) respondeu positivamente.

Assinalando a ideia do autor acima, entendemos que, primeiramente os professores tinham de identificar e definir os conectores adversativos, a fim de saber com precisão, qual é o valor semântico dos mesmos. Em seguida explicar-lhes que, em termos sintácticos, estes conectores não apresentam o mesmo comportamento. Na terceira questão (porquê que os conectores adversativos propiciam coerência e coesão textual?). Aferimos que, (20) alunos que representam (66.7%), mostraram não ter a mínima noção sobre o assunto, e (10) alunos que perfazem (33.3%) responderam atabalhoadamente.

Esses dados contraditórios, oriundos das respostas dos alunos, levou-nos a deduzir que há muito que se fazer. Isto impele dizer que, os professores não estão a criar textos argumentativos para que os alunos possam se exprimir livremente e em seguida explicar-lhes o valor que têm os conectores nos textos e como um texto deve ser coerente e conseqüentemente coeso. É necessário que o ensino explícito do uso dos conectores adversativos ceda também espaço ao ensino implícito, isto é, à criação de oportunidades para o uso natural destes conectores [...], deste modo, a competência de uso destes conectores será também adquirida como mera consequência da focalização da atenção do aluno no significado (Quivuna et *alli*, 2008, pp. 95 – 96).

Na quarta questão, com a qual pretendíamos saber o por que razão acha que as frases podem ser coordenadas umas às outras através das conjunções e locuções coordenativas?), 17 alunos equivalentes a 56.6% precisou que são as conjunções que ligam as palavras; ao passo que 10 alunos que representam 33.3% subscreveu que conhecem apenas as frases no âmbito da frase complexa, onde se evidencia por exemplo as conjunções coordenadas causais, temporais, etc: e 3 alunos que representam 10% respondeu, apontando que, conjunções ou conectores são palavras que ligam as orações e que podem mudar a significação das mesmas em função do seu emprego.

Com isso, percebemos que os alunos têm fraco conhecimento sobre organização frásica, coordenação e uso dos conectores frásicos do ponto de vista sintáctico-semântico. Na visão de (Lima, 1986 e (Coseriu, 1967, p. 222), no “texto é possível encontrarmos não só procedimentos linguísticos, ou sistemáticos da língua, mas também todas as possibilidades de utilização do discurso”. Com isto, pensamos que as análises textuais que propomos não se dão de modo superficial, mas de forma que seja feito um estudo que envolva os componentes sintáticos, semântico e pragmático de maneira integrada.



4.2. Resultado da entrevista aplicada aos professores

Com intento de averiguarmos o conhecimento sobre a abordagem morfossintáctica na regência dos conectores adversativos, selecionamos três questões que perfizeram o leque de respostas dos professores. Ao procedermos a entrevista, constatámos que um dos professores desconhece precisamente a função sintáctica dos conectores adversativos e, como se não bastasse, demonstrou despreparação para leccionar a disciplina da Língua Portuguesa, visto que está a formar-se em Sociologia, desajustando-se, do princípio de especialidade de que faz menção (Quivuna, 2014, p. 160). Por outro lado, Azevedo (2010, 119) alerta que “o facto de ser falante de uma língua não impele o nível reflexivo e sistematizado da referida língua para poder ensiná-la”.

Sobre o assunto no parágrafo acima, pensamos que os professores têm de administrar disciplinas específicas que vão ao encontro das suas áreas de formação académica. De igual modo, (Mudiambo, 2010, p. 19) descreve que “ o papel da didáctica das línguas dentro da interdisciplinaridade centra-se no facto de que toda e qualquer disciplina deve ser ensinada através de uma língua dominada pelos actores do processo docente- educativo”.

Desta feita, a utilização da metodologia ajustada da língua da parte do professor ao leccionar uma determinada cadeira escolar, vai contribuir para o desenvolvimento de competências, e seguramente, proporcionar uma sofisticada mestria linguística. É nesta vertente que é aconselhável que o professor tenha formação em ensino da língua portuguesa. Somos a deixar claro, que não temos qualquer objecção a isto, apenas concordamos com os princípios apresentados pelos profissionais académicos descritos acima.

No que diz respeito à primeira questão (que dinâmica o professor usa para que os alunos tenham a capacidade de identificar os conectores adversativos e suas funções num texto? Sobre esta questão, o professor bacharel em ensino de língua portuguesa, apresentou argumentos convincentes, como criar textos onde haja inúmeros conectores, e pedir aos alunos que identifiquem os conectores adversativos, a diferença que há entre o *mas* e os restantes, para que os alunos aprendam a argumentar sobre um determinado assunto, ensinar rigorosamente temas ligados ao funcionamento da língua, etc.

Já o segundo professor, que é o titular da turma em que trabalhamos, não soube responder com precisão, deixando mesmo a conversa em branco. Entretanto, perguntamos o seguinte: se o professor é um dos principais elementos do processo de ensino-aprendizagem, se não mesmo o orientador da turma, como não domina as temáticas a serem abordadas? Como poderá ajudar os seus alunos a progredir se ele próprio não tem domínio sobre assuntos inerentes? Factos para reflectirmos. Para dar sustentabilidade às declarações vindas dos professores, atemo-nos ao que Quivuna (2014, p.161) pontuou que “ o professor é aquele que tem mestria didáctica[...]; um bom professor de língua deve ser o modelo de imitação dos seus alunos.

Na segunda questão, (sendo professor de língua portuguesa, como faria para que o ensino da língua portuguesa seja visto como prioridade do ponto de vista da morfossintaxe dos conectores adversativos?). O primeiro professor reconheceu que é preciso que se invista no ensino da língua portuguesa, pelo fato de ser a língua de escolaridade e que todos os professores usam para leccionar as demais disciplinas. Pois, quando se tem argumentos suficientes sobre a língua vernacular, maior facilidade se tem para interpretar outras disciplinas. Já, o segundo professor acha que o grande problema está nos programas, materiais didáticos que não cabem para todos, salários baixos, etc. resposta que, em nosso entender não são justificáveis.

Segundo Azevedo (2010, p. 118) “ao nível da dimensão científico-pedagógica, o professor deve possuir conhecimentos atuais, solidamente fundamentados por uma

prática reflexiva e interactuante, em, pelo menos, três domínios”: formação linguística, formação psicológica e formação pedagógica. A par do exposto acima, dá-nos entender que o fato de ler gramáticas ou qualquer material que seja, não habilita qualquer professor a leccionar a disciplina de língua portuguesa, é necessário e imperioso que seja um profissional especialista em ensino da língua portuguesa. De fato, professores com esta limitação didáctico-pedagógica, não se revelam no que nos diz (Mudiambo, 2010, p. 11), quando afirma que “o professor é tido como guardião, aquele que é o transmissor dos saberes e valores [...]”. Desta forma, pensamos que esse professor tem várias funções: informar, conservar, renovar, animar, organizar, avaliar e educar. Pois, que é esse o professor que se almeja nos dias de hoje. Aquele que se revê na mudança e no crescimento do homem e não aquele que só pensa no dinheiro, etc.

Conclusões

A partir da abordagem morfossintáctica da regência dos conectores adversativos, e através dos métodos e técnicas de investigação, chegamos há algumas conclusões que acreditamos ser as mais importantes desta investigação. Os resultados evidenciaram que se faz necessário propor aos alunos actividades em que se evidencie os conectores adversativos e suas mobilidades, que visem ajudá-los a argumentar. Além disso, é importante e necessário que use os mecanismos gramaticais disponíveis nas gramáticas da língua portuguesa.

Aferimos que, os alunos conhecem apenas os conectores ao nível de conexão de frases complexas, e não no âmbito em que devem respeitar as relações lógicas e semântico-pragmáticas que permitem conceber uma unidade de sentido, perspectivando a sua função textual/argumentativa. Verificamos também que, o professor titular da turma em causa não apresenta conhecimentos suficientes para leccionar a disciplina de Língua Portuguesa, visto que está a formar-se em Sociologia e não em ensino da Língua Portuguesa. O professor não dá lugar ao ensino implícito, para que os alunos criem oportunidades para o uso natural dos conectores adversativos.

Presumimos que o professor não está munido de conhecimentos, no que diz respeito às intervenções pedagógicas que visam promover a aprendizagem efectiva da língua, principalmente no que concerne à abordagem morfossintáctica dos conectores adverbiais. Assim sendo, apresentámos estratégias de ensino - aprendizagem em sede da regência dos conectores adversativos, tomando em consideração abordagem, relativamente ao ensino explícito e implícito dos conectores adversativos, com os quais, e

na perspectiva de vários autores abalizados na matéria; explicar primeiro aos alunos qual é o valor semântico destes conectores, e que além de *mas*, os gramáticos são praticamente unânimes em apresentar *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto* e *entretanto* como outros conectores conjuncionais coordenativos adversativos. Em segundo, explicar-lhes que, em termos sintácticos, estes conectores não apresentam todo o mesmo comportamento, distinguindo-se claramente *mas* dos restantes, apresentando exemplos como os dos pontos 4.; 41.; 4.2. e seguintes e submetendo-os, por exemplo, a classificação das orações, no âmbito da frase complexa por coordenação, clarificando, através de exemplos paradigmáticos, os nexos semânticos expressos.

REFERÊNCIAS

- Almeida Costa, J. et al. (2014). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Plátano Editora.
- Alvares, C. (2001). *Uma introdução ao estudo do texto literário. Noções de Linguística e Literariedade. Do básico ao secundário*. Lisboa: Didáctica editora.
- Azevedo, F.; Fraga, J.. (2010). *Metodologia da Língua Portuguesa*. Luanda: Plural Editores.
- Azevedo, O. M. et al. (2014). *Gramática Prática de Português*. Lisboa: Editora Raiz.
- Casanova, I- (2012). *Português para o Mundo (Caderno de Actividades Gramaticais)*. Lisboa. Plátano Editora.
- Coseriu, E. (1956). *Determinación y entorno*. In: Coseriu, E. (1967). *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos. p. 234-235.
- Costa, J. (2008). *Advérbios em português europeu*. Lisboa: Calibri.
- Costa, J. (2010). *Gramática Moderna da Língua Portuguesa*. Lisboa. Escolar Editora.
- Cunha, C.; Cintra, L.(2014). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Duarte, I. (2003). *Aspectos linguísticos da organização textual*. In: MATEUS, M. H. M. Et al. (2003). *Gramática da língua portuguesa*. 6.ed. Lisboa. Editora Caminho, p. 94-95.
- Ducrot, O. (1980). *Les échelle argumentatives*. Paris: Minuit.
- Ducrot. O. (1980). *Les échelle argumentatives*. Paris : Minuit.
- Lima, R. (1986). *A Sintaxe articulatória do discurso*. Lisboa: Textos Editores.
- Moura, J. de A. (2006). *Gramática Actual do Português*. Lisboa: Textos Editores.
- Mudiambo, Q. (2010). *Metodologia especial de ensino da língua portuguesa. Uíge. formar professores de português hoje na nossa comunidade: Conferências – Pesquisas – Anotações do Docente*. Uíge: Caderno Didáctico.

Mudiambo, Q. (2014). *Estudos linguísticos sobre a lexicologia e a lexicografia de aprendizagem (aplicados) ao ensino da língua portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.

Pascuall, U. (2011). *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Edição.

Tomás, O. C. C. (2003). *Marcadores discursivos contrastivos: contribuição para uma análise semântico-pragmáticas no português Europeu*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Varela, L. (2000). *Para uma semântica das construções concessivas e adversativas do português*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Vilela, M.; Koch, I. G. V. (2001). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.

Recebido em: 11/05/2023

Aceito em: 20/10/2023



Para citar este texto (ABNT): PEDRO, João Domingos; KATALA, Celestino Domingos. SOARES, Francisco. Abordagem morfossintáctica da regência dos conectores adversativos: caso dos textos produzidos pelos estudantes do ensino pré- universitário em Malanje, Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial II, p.62-84, out. 2023.

Para citar este texto (APA): Pedro, João Domingos; Katala, Celestino Domingos. Soares, Francisco. Abordagem morfossintáctica da regência dos conectores adversativos: caso dos textos produzidos pelos estudantes do ensino pré- universitário em Malanje, Angola (out. 2023). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 62-84.